



Presença em todas as telas

Para levar informação precisa e análise de qualidade ao público, as equipes do **Correio**, da TV Brasília e da Clube FM prepararam uma cobertura multimídia, minuto a minuto, com conteúdos exclusivos sobre a votação no DF e no país

» BEATRIZ VASCONCELOS*
» CAETANO YAMAMOTO*

A todo instante, as equipes do **Correio Braziliense**, da TV Brasília e da Clube FM atualizavam os leitores brasileiros com uma cobertura completa e multimídia do segundo turno das eleições de 2026. A atualização ocorreu minuto a minuto, envolvendo repórteres, fotógrafos, colunistas e editores, que não só acompanharam as votações, mas revelaram bastidores e fizeram análises do pleito ao longo do dia no site, nas redes sociais, na televisão e nos tocadores de podcasts.

A expansão da presença digital e a estratégia multimídia foram destacadas pela editora do site, redes sociais e multimídia do **Correio Braziliense**, Mariana Niederauer. Ela explicou que a cobertura nas plataformas digitais permitiu atualizar os leitores e espectadores em tempo real diante dos imprevistos da eleição, como a extensão do horário de votação até as 19h, reforçando a entrega de conteúdos exclusivos no DF e no Brasil com o selo de qualidade do jornalismo do veículo.

A apuração começou cedo, com o acompanhamento dos votos dos brasileiros que moram no exterior pela manhã. Depois, o coronel Palhares, comandante-geral da Polícia Militar do Distrito Federal, revelou ao Podcast do **Correio** o esquema especial de segurança para o segundo turno. Ele foi seguido pelo secretário de Segurança Pública do Governo do Distrito Federal (GDF), Alexandre Patury, que avaliou os grandes eventos políticos do dia anterior, envolvendo a governadora reeleita Celina Leão e seu adversário no pleito, Leandro Grass.

Preparação

O jornalista Luiz Felipe, cientista político e subeditor do site do **Correio Braziliense**, contou que, pela manhã, o foco da cobertura foi a votação dos candidatos, a preparação dos equipamentos e a distribuição das equipes pelos locais de votação vinculados ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) e ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). “No trabalho

Ed Alves/CB/D.A Press



As colunistas Denise Rothenburg (centro) e Ana Maria Campos receberam, no **CB. Poder**, o diretor de negócios da Opinião, Carlos André, para avaliar o cenário eleitoral

A cobertura jornalística é importante porque fortalece a democracia e a confiança do eleitor em suas instituições, e é para isso que a gente está aqui”,

Carlos Alexandre de Souza, editor de Política, Economia e Brasil

de redação, é necessário elaborar perfis de candidatos com antecedência e acompanhar as pesquisas eleitorais para antecipar os cenários da apuração”, esclareceu.

A coordenadora de *Cidades*, Adriana Bernardes, comentou que houve poucos registros oficiais de ocorrências relacionadas a crimes eleitorais no Distrito Federal. “Nós tivemos uma mesária que foi detida por boca de urna. Também houve uma breve confusão entre fiscais e cabos eleitorais da Celina Leão no momento da votação dela, além do registro de uma escola, onde os eleitores reclamaram da demora da votação. Mas podemos dizer que as eleições no DF ocorreram sem grandes problemas.”

Além da cobertura do processo, o **Correio** investiu na análise do cenário eleitoral. Às 15h, começou

a programação do **CB. Poder**, uma parceria com a TV Brasília. A programação contou com a presença de especialistas. Quando o horário da votação foi prorrogado, a colunista Denise Rothenburg, que participou do programa, conta que foi necessário refazer todo o plano de cobertura para manter o eleitor informado minuto a minuto. “Ninguém esperava os imprevistos ocorridos com o transporte em Salvador, que geraram uma série de pedidos judiciais e fizeram com que a equipe alterasse o planejamento da cobertura”, disse. “Foi uma cobertura ao vivo muito emocionante pela apuração nacional voto a voto e também surpreendente pelas denúncias de falta de transporte”, relatou a colunista Ana Maria Campos.

O gerente de jornalismo da TV Brasília, Patrício Macedo, ressaltou o empenho das equipes e o sucesso da união entre os veículos durante o pleito. Para ele, a cobertura trazia a experiência e o empenho coletivo de colegas extremamente honrados na cobertura política especializada no país.

Central

Uma novidade desta eleição foi a Central de Apuração, que estreou no primeiro turno e teve continuidade no segundo. A subeditora da Revista do **Correio**, Sibe Monte-negro, destacou a importância da iniciativa, que trouxe um formato inovador e mais dinâmico. Segundo Sibe, esse modelo proporciona muito mais agilidade para trazer especialistas e analisar a situação

minuto a minuto. Com esse formato flexível, a equipe consegue trazer os convidados e mantê-los participando por mais tempo. Para ela, “essa estrutura foi fundamental para lidar com a dinâmica do segundo turno, que exigiu uma apuração intensa e em tempo real”, conta.

O editor de *Política, Economia e Brasil*, Carlos Alexandre de Souza, conta que, com análises, entrevistas e atualização a todo momento, a cobertura reforçou o compromisso do **Correio** e da TV Brasília em mostrar informações relevantes para o eleitor brasileiro. “Isso é importante porque fortalece a democracia e a confiança do eleitor em suas instituições e é para isso que a gente está aqui”, destacou.

*Estagiários sob supervisão de Paloma Oliveto

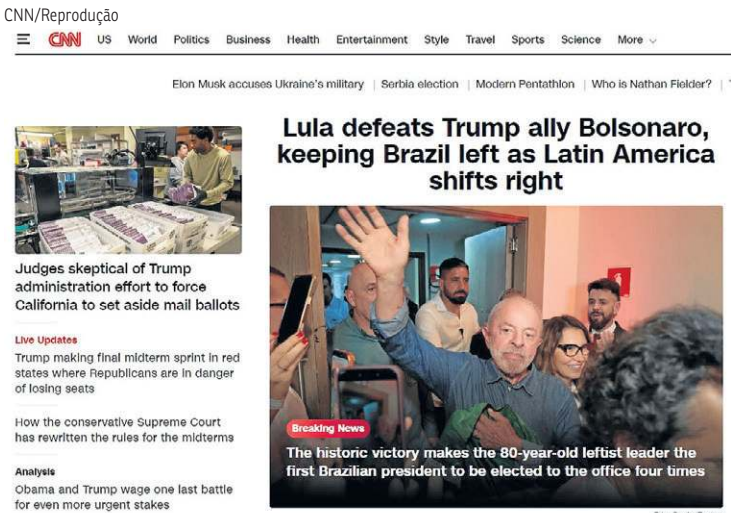
Triunfo repercute no mundo e barra a extrema-direita

» RODRIGO CRAVEIRO

O triunfo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com a quarta vitória nas urnas, interrompeu a hegemonia da extrema-direita na América do Sul, enviou uma mensagem às big techs e aos Estados Unidos, e repercutiu em todo o planeta. Assim que a apuração dos votos foi finalizada, os principais veículos de comunicação do mundo estamparam em seus sites, com destaque, a reeleição de Lula. O jornal britânico *The Guardian* trouxe uma foto dos eleitores comemorando nas ruas, com sinalizador e bandeiras, e a manchete “Lula, titular da esquerda, derrotou Bolsonaro, anunciou a Corte Eleitoral”.

O jornal *The New York Times* publicou o título “O Brasil reelege Lula, rejeitando o filho do antecessor”, ao lado de uma foto de Lula, sorridente, usando óculos no formato de estrelas. O site do espanhol *El País* trouxe uma foto de Lula apertando a mão de eleitores, durante a passeata em São Paulo, com a manchete “Lula ganha no Brasil”. A emissora CNN mostrou a imagem de Lula abraçado com uma bandeira do Brasil, sob o título: “Lula derrota Bolsonaro, aliado de Trump, mantendo o Brasil à esquerda, enquanto a América Latina se muda para a direita”.

O norte-americano Anthony W. Pereira, diretor executivo do Centro para Estudos Latino-Americanos da Universidade de Tulane, em Nova Orleans, declarou ao **Correio** que a eleição de ontem, talvez, tenha sido a mais importante, para



CNN destacou a vitória da esquerda em região propensa à direita

o restante do mundo, dos últimos tempos. “As táticas de intimidação do governo de Donald Trump e suas tentativas de influenciar eleições ao redor do mundo nem sempre serão bem-sucedidas. As tarifas, a classificação do Primeiro Comando da Capital (PCC) e do Comando Vermelho como ‘terroristas’ e o alerta de Trump no G7 de que a política brasileira é ‘perigosa’ — todas as tentativas de minar o governo Lula e levar Flávio Bolsonaro ao poder acabaram saindo pela culatra. Esse resultado dará confiança a governos eleitos na Europa, que Trump também tenta minar, com o objetivo de levar a extrema-direita ao poder”, comentou.

Segundo Pereira, o fracasso da interferência de Trump nas eleições brasileiras mostram que as pessoas não aceitam ver sua

soberania e sua democracia minadas. “Isso também envia uma mensagem aos americanos nas eleições de meio de mandato de 3 de novembro: a de que a política externa de Trump nem sempre é vitoriosa — por mais que ele e seu secretário de Estado, Marco Rubio, se gabem de uma ‘onda laranja’ de seguidores de direita de Trump sendo eleitos no Peru, na Colômbia, no Chile, na Costa Rica, em Honduras e em outros lugares da América Latina”, comentou.

“Foi uma vitória essencial contra a extrema-direita na América Latina; contra Javier Milei, na Argentina; contra Trump, nos EUA; e contra Benjamin Netanyahu, em Israel”, avaliou ao **Correio** o historiador político James Naylor Green, brasilianista da Universidade Brown (em Rhode Island). O



O britânico *The Guardian* destacou a recusa de Flávio em aceitar revés

estudioso lembrou que, apesar de todos os desafios de seu governo, Lula conseguiu convencer as pessoas de que era importante conservar as medidas sociais. “Os brasileiros também rejeitaram Flávio Bolsonaro e sua família. A vitória de Lula ajudará a defender a América Latina dos ataques de Trump e sua tentativa de restabelecer uma dominação regional que não cabe no século 21”, observou.

Lideranças

Para Green, Lula terá o desafio de não controlar o Congresso. “A diferença de votos de mais de 4 milhões foi maior do que a Dilma Rousseff conseguiu em 2014. O bolsonarismo não acabou, pois a família conta com um certo apoio popular e funciona como um tipo

de seita, mas ficou enfraquecida”, disse o professor de Brown. “Lula precisa incentivar novas gerações e novas lideranças para 2030. O PT aprendeu e mudou a orientação do primeiro para o segundo turno, mobilizou as bases de modo impressionante e dominou as mídias sociais. De forma espontânea, eleitores se organizaram para ganhar votos, e isso foi a chave da eleição.”

Professor de história e estudos internacionais na Universidade Estadual de Louisiana e pesquisador associado ao Washington Brasil Office, André Pagliarini explicou ao **Correio** que a perspectiva de um retorno da família Bolsonaro ao poder “eliminou a complacência e as incertezas de uma coalizão nacional que não tinha levado Flávio Bolsonaro a sério como

adversário até o primeiro turno”. “A extrema-direita é uma força indiscutível, mas os obituários prematuros do PT precisarão ser descartados”, advertiu. Segundo ele, a vitória de Lula é um lembrete dos limites da influência norte-americana. “O governo de Donald Trump jamais escondeu sua preferência nessa disputa. Como historiador estou muito curioso para ver o que será divulgado sobre os esforços subterrâneos nessa corrida eleitoral. Mesmo assim, não conseguiu emplacar seu candidato preferido”, acrescentou.

Pagliarini acredita que será necessário compreender o poder decisório americano com as devidas proporções. “Houve uma tentativa dos EUA de influir, embora tenham abaixado o volume no fim da campanha. Mas as coisas não acontecem simplesmente porque Washington quer. Um país do porte do Brasil tem como resistir. Essa é uma lição chave dessa eleição”, destacou.

O especialista da Universidade Estadual de Louisiana admitiu que os desafios do PT se mantêm, com um partido cada vez mais regional, mas advertiu que a guerra civil do pós-Lula se posterga por mais quatro anos. “Há tempo de respirar, de planejar, e trabalhar sem a sombra ameaçadora de uma presidência de extrema-direita no poder”, afirmou Pagliarini. Com a derrota, ele avalia que o clã Bolsonaro perde muito. “A direita é maior do que a família Bolsonaro, e os candidatos nesse campo farão questão de enfatizar isso.”